

O diálogo intercultural na literatura infantil de Luís Sepúlveda e Jorge Amado¹

Fernando Fraga de Azevedo,² Eliane Santana Dias Debus³ e Sara Reis da Silva⁴

Resumo

Este artigo analisa comparativamente os livros *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*, de Luís Sepúlveda, e *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor*, de Jorge Amado. Destacam-se o diálogo intercultural de ambas as narrativas e a sua contribuição para a formação leitora. Constatam-se que tais narrativas permitem que o leitor reflita sobre a diversidade e a multiplicidade cultural que o rodeia, contribuindo para uma formação leitora em que pluralidade cultural é edificada pela singularidade de cada indivíduo.

Palavras-chave

Literatura infantil; diálogo intercultural; Jorge Amado; Luís Sepúlveda.

Résumé

Cet article analyse comparativement les livres *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar* [Histoire d'une mouette et d'un chat qui lui a appris à voler], de Luís Sepúlveda, et *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor* [Le Gato Malhado et Andorinha Sinhá: une histoire d'amour], de Jorge Amado. Le dialogue intercultural se détache de ces deux narratives ainsi que sa contribution dans la formation de la lecture. On constate que ces deux narratives permettent que le lecteur réfléchisse sur la diversité et sur la multiplicité culturelle qui l'entoure, contribuant à la formation de la lecture où la pluralité culturelle est basée sur la singularité de chaque individu.

Mots-clés

Littérature pour enfant; dialogue intercultural; Jorge Amado; Luís Sepúlveda.

-
- ¹ Este texto, com algumas alterações, foi apresentado em formato de comunicação no âmbito do projeto de investigação “Literatura Infantil e Educação para a Literacia”, em curso no LIBEC – Centro de Investigação em Literacia e Bem-Estar da Criança, da Universidade do Minho (Braga, Portugal), no VIII Simpósio Internacional de la Sociedade Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura, Badajoz, 2005.
 - ² Doutora em Letras, professora da Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: elianedebus@hotmail.com.
 - ³ Doutor em Letras. Departamento de Ciências Integradas e Língua Materna – Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho, Braga, Portugal. E-mail: fraga@iec.uminho.pt.
 - ⁴ Mestre em Estudos Portugueses. Departamento de Ciências Integradas e Língua Materna – Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho, Braga, Portugal. E-mail: sara_silva@iec.uminho.pt.

Um dos protocolos mais importantes na interação do leitor com o texto literário e que assegura a polifuncionalidade semiótica deste, independentemente dos seus contextos de produção e de recepção, é o princípio da ficcionalidade (SCHMIDT, 1987). Se, à luz deste protocolo, o estado de coisas expresso no texto jamais pode ser lido como uma cópia ou um espelho fiel do mundo empírico e histórico-factual em que se situam seus leitores, ele não exclui, todavia, que possa ser correlacionado, ainda que por vezes apenas em um nível macro-global, com o mundo empírico dos seus leitores. Efetivamente, ao propor, com determinadas funções gnoseológicas, comunicativas e pragmáticas, uma determinada organização estrutural dos signos do seu contexto, o texto literário mantém com este uma peculiar relação semântica, pela qual, modelizando-o, torna-se capaz de suscitar nos seus leitores-receptores substanciais efeitos perlocutivos.

Nesta ótica, a noção de incompatibilidade entre valores literários e valores socioeducativos parece-nos fortemente contestável e, no caso de textos literários lidos preferencialmente por crianças, ainda mais.

Em Portugal e no Brasil temos assistido à publicação, seja em versão original, seja em versões traduzidas, de textos literários para a infância de elevada qualidade e aos quais se encontra subjacente um conjunto considerável de valores sociais e/ou ético-morais.

Em Portugal, algumas obras de José Jorge Letria, por exemplo, centram-se na ecologia e na proteção do ambiente – *O grande continente azul* (1985), *João ar-puro no país do fumo* (1985) ou *Uma viagem no verde* (1987) –, nas (fraternas) diferenças culturais individuais – *Olá, Brasil!* (2000) e *O Homem que tinha uma árvore na cabeça* (1991), ou na solidariedade, na amizade e na fidelidade, como em muitos textos incluídos na coletânea *Lendas do mar* (1998). Muitos

livros da escritora Luísa Ducla Soares ficcionalizam também esta questão da diferença: “Os meninos de todas as cores” (in *O meio galo e outras histórias*, 1976), *O sultão Solimão e o criado Maldonado* (1982), *A menina verde* (1987) ou “O canibal vegetariano” (in *Histórias e canções em quatro estações*, 1988), entre muitos outros. Na escrita para os mais novos de António Torrado, encontramos também textos nos quais prevalecem temáticas como a liberdade, a igualdade e a fraternidade: *O veado florido* (1972), *O rato que rói* (1974), *O vizinho de cima* (1985) ou “O elefante do rei” (in *Dez contos de reis*, 1990).

Como em Portugal, no Brasil a década de 1970 parece ser o princípio do exercício literário centrado em uma esfera realista, tematizando problemas do cotidiano de crianças e de adolescentes e introduzindo antecipadamente os “temas transversais”, recorrentes atualmente pelas exigências advindas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).⁵ A problemática da industrialização desenfreada e as questões ambientais podem ser encontradas no livro *Os rios morrem de sede* (1976), de Wander Piroli; a pluralidade cultural, nos livros *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado, que tematiza os estereótipos e os preconceitos originados por questões étnicas; o mesmo ocorre em *Apenas um curumim* (1979), de Werner Zotz, e *Cão vivo, leão morto: era apenas um índio* (1980), de Ari Quintella, em que a personagem indígena é o protagonista de uma guerra enfrentada diariamente nos dias atuais: o choque entre a cultura branca e a cultura indígena; o conflito entre a aculturação e a preservação da cultura.⁶ Tais narrativas permitem que o leitor reflita sobre a diversidade e a multiplicidade cultural que o rodeia, contribuindo para uma formação em que pluralidade cultural é edificada pela singularidade de cada indivíduo.

⁵ Os temas transversais – Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural – foram propostos pelos PCN para serem trabalhados no currículo escolar de forma “transversal”, isto é, incluídos de maneira integrada nas diferentes áreas/disciplinas dos estudantes brasileiros, a partir da última reforma educacional de 1996.

⁶ A análise atenta da temática indígena na literatura infantil, em especial na narrativa de Werner Zotz, pode ser encontrada em: DEBUS, Eliane Santana Dias. Entre a visagem e a vertigem: a desconstrução da imagem indígena no discurso literário para crianças e jovens. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, UFSC, 3, p. 73-82, 1995.

O olhar de Luís Sepúlveda refletido em *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*

Publicada a 1ª edição em Portugal em 1997, a obra do escritor chileno Luís Sepúlveda propõe, ao jeito de uma fábula, um desafio aos seus leitores: perceber de que forma a educação de uma jovem gaivota por um ser de uma espécie diferente da sua e aparentemente não compatível com ela, de acordo com determinados quadros de referência comuns (AZEVEDO, 1995, p. 52), pode ser levada a bom porto. Esse percurso de iniciação, aprendizagem, crescente autonomia e, no final, emancipação do educando permite ao texto cumprir, junto dos seus leitores, importantes efeitos perlocutivos. De fato, valores como a amizade, a solidariedade, a generosidade, o amor à vida, a aceitação e a convivência pacífica da diversidade dos seres, o respeito pela natureza pessoal e individual de cada um, bem como a autoconfiança na possibilidade de cumprimento de um sonho, revelam-se elementos fundamentais do universo ideológico aqui presente.

A imagem do diálogo intercultural é, desde logo, explicitamente anunciada pelo título, o qual, se de certa forma configura-se como fortemente potenciador do estranhamento e da novidade semiótica, anuncia também um certo caráter de exemplaridade desta mensagem.

Zorbas, insistentemente definido pela sua alteridade física (o “gato grande, preto e gordo”) e portador de uma experiência de vida que incluiu, na sua infância, o explícito não-reconhecimento, pelos outros, da sua pertença à comunidade,⁷ revela-se, por força de uma situação inesperada, o educador de uma jovem gaivota órfã, a quem ajudará a crescer e a conquistar a emancipação total. E esta emancipação é conseguida, não porque a jovem gaivota tenha sido, de fato,

ensinada a voar, mas porque, apoiada e constantemente incentivada pelos amigos, Ditosa compreende “que só voa quem se atreve a fazê-lo” (SEPÚLVEDA, 2002, p. 121) e ousa dar o primeiro passo.

A intervenção do Poeta neste momento de clímax narrativo parece-nos profundamente significativa. Definido como aquele que sabe voar com as palavras (SEPÚLVEDA, 2002, p. 108), o Poeta representa aqui a metáfora da liberdade e a possibilidade da utopia, na qual se inclui, naturalmente, a do respeito pelos valores éticos e pela individualidade de cada sujeito, possibilidade essa que a concretização do voo de Ditosa permite elevar a um estado factual.

O profícuo diálogo e o respeito pela especificidade de cada um, que seres tão díspares como um gato e uma gaivota estabelecem entre si, permitem fazer sobressair uma isotopia que consideramos fundamental neste texto: a da comunicação entre os animais *versus* a da incomunicabilidade entre os humanos. Embora pertencentes a raças diferentes, os animais revelam-se detentores de uma linguagem universal, possuindo inclusive a capacidade de compreender o Outro, ao contrário dos humanos, que, guiados por uma outra percepção do mundo, manifestam uma forte dificuldade em comunicar entre si e particularmente com aqueles que não reconhecem como seus semelhantes. Todavia, esta isotopia de modo algum autoriza a possibilidade de uma visão maniqueísta do mundo, do tipo humanos maus *versus* animais bons. Entre as personagens humanas há, para além daqueles que poluem os mares e são causadores de sofrimento e morte, alguns que possuem comportamentos claramente eufóricos,⁸ da mesma forma que, entre os animais, para além de Zorbas e dos seus amigos, encontramos também personagens animais com comportamento explicitamente disfóricos.⁹ Ora, este procedimento, invalidando uma

⁷ “Nascido com uma cor diferente dos restantes seres da sua espécie, Zorbas não partilha os traços que estereotipadamente, e em termos de aparência, caracterizariam os gatos: o pelo de listras cinzentas, a velocidade e a agilidade ou o cheirar a pantufa e, por essa razão, quase que perde a sua vida devorado por um pelicano.” (Sepúlveda, 2002, p. 19)

⁸ Cf., por exemplo, o garoto que cuida de Zorbas, os homens das “pequenas embarcações decoradas com as cores do arco-íris” (Sepúlveda, 2002, p. 25) ou o Poeta.

⁹ Veja-se, a este propósito, por exemplo, o comportamento de Matias, o macaco que trabalha no bazar de Harry, caracterizado indiretamente como oponente da ação dos quatro amigos, alcoólico, desonesto e maldizente, ou das ratazanas que revelam elevada agressividade perante Zorbas, ou ainda o caso dos dois gatos malvados que lhe dificultam a vida, procurando impedi-lo de cumprir a promessa dada, desprezando-o e insultando-o.

visão maniqueísta do mundo, constitui mais um meio de permitir a emergência de valores éticos profundamente educativos. De fato, a cosmovisão que aqui se apresenta jamais é a de um mundo “inteiramente a Branco e Preto” (CESARINY, 1980, p. 66), mostrando-se, pelo contrário, que em cada espécie há personagens positivas e personagens negativas e que compete a cada um saber distingui-las e agir em conformidade.

Nesta perspectiva, o diálogo intercultural é assumido e exercitado naquilo que tem de mais rico: a diversidade de vozes e de formas de agir, as quais, numa polifonia discursiva, possibilitam concretizar a utopia.

Tratando-se de um texto que parece prever, entre os seus potenciais leitores-modelo (ECO, 1979), um leitor com uma experiência de leitura não muito alargada, ele pode, de uma forma que nos afigura muito produtiva, iniciar os seus mais jovens leitores naquilo que a investigadora Maria da Natividade Pires (1996, p.105) nomeia “o caminho da aceitação enriquecedora da diversidade”.

O olhar de Jorge Amado refletido em *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor*

O escritor brasileiro Jorge Amado (1912-2002), reconhecido internacionalmente pela sua produção literária que registra de forma marcante a cultura do nordeste brasileiro, publicou entre 1976 a 1986 três livros para crianças: *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (1976), *A bola e o goleiro* (1984) e *O capeta Carybé* (1986). O primeiro título, objeto de nossa análise, foi escrito em 1948 como presente do escritor para seu filho João Jorge, com então um ano de idade, e, quase trinta anos depois, ele veio a público no Brasil pela editora Record.

Contudo, o interesse do escritor baiano pelas narrativas destinadas às crianças antecipou-se a sua escrita, como se pode observar em artigo publicado na *Revista Brasileira*, com o balanço dos livros infantis que circulavam no país em fins de 1934 e início de 1935. O livro

Emília no país da gramática, de Monteiro Lobato, é considerado por ele uma obra-prima, “livro que escrito em outra língua não a portuguesa daria celebridade e fortuna ao autor”.

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá foi acolhido pela crítica brasileira com ressalvas, especialmente no que diz respeito ao público a que era destinado; o livro recebeu mais aplausos quando passou do texto para o palco e se tornou sucesso de público como espetáculo teatral. Nas páginas do jornal *O Globo*, Laura Sandroni vaticinava que, “por seus aspectos estruturais e críticos, por suas irreverências subjacentes, pelo estilo mesmo do autor, o texto só será lido com proveito por pré-adolescentes, jovens e mais ainda por adultos” (2003, p. 42).

A par das críticas, o presente título esteve presente em duas campanhas públicas de leitura no Brasil: o projeto “Ciranda de livros”, patrocinado e desenvolvido pela Hoechst do Brasil, pela Fundação Roberto Marinho e pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e, juntamente com outros títulos, compôs o acervo de muitas escolas de Ensino Básico, numa ciranda que durou quatro anos. Funcionando como uma “semente de biblioteca”, os 15 livros eram acompanhados de fichas de controle e carteiras de sócio para que as escolas organizassem os títulos e os empréstimos. O segundo projeto, “Literatura em minha casa”, é bem recente, data de 18 de abril de 2002 e é promovido pelo Ministério da Educação, por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Criado há cinco anos, distribuiu a 139.119 escolas públicas brasileiras 60 milhões e 920 mil de livros a 8 milhões e 560 mil alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, segundo dados do Governo Federal e da FNLIJ. Tais informações acentuam o caráter referencial do título em análise.

Belíssimo livro ilustrado, destinado a leitores de todas as idades, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor*, escrito muito ao jeito da fabulística¹⁰ – da “velha fábula” (AMADO, 1993, p. 8), como aliás afirma o próprio Jorge Amado, em nota introdutória –,

¹⁰ O termo “fábula” usado pelo próprio autor empírico do texto literário em análise, significando uma instância narrativa marcada pela simplicidade e composta de situações paradigmáticas que se socorrem de animais para salientar conclusões de âmbito ético-moral (REIS & LOPES, 1996, p. 158), a partir da metaforização de diversos tipos humanos sociais, parece, em certa medida, adequar-se, pelas figuras que aí interagem e, essencialmente, pelo fundo temático/moralizante, a este texto de Jorge Amado.

recorre ao mundo dos animais para falar metaforicamente do mundo dos homens, encontrando-se aí traduzidos ecos de um malogrado diálogo intercultural.

O tratamento da temática que lhe serve de base, socorrendo-se de um discurso expressivo e, em muitos momentos, próximo da prosa poética, coloca em convivência, num mesmo espaço físico natural – um parque –, animais de espécies distintas: um gato, uma andorinha, uma vaca, um sapo ou uma cobra, só para citar alguns.

É logo no título, elemento paratextual muito relevante, que o motivo diegético basilar deste livro é introduzido – uma história de amor –, sendo, ainda, aqui apresentadas as figuras excepcionais que co-protagonizam a intriga principal desta narrativa breve de Jorge Amado. Nesse sentido, não é também de desconsiderar a importante componente pictórica que participa da capa, visto que essa concretiza, pela representação dos dois heróis da história, as informações que o título fornece verbalmente.

Nesta obra, o Gato Malhado, com seu ar sisudo e mal-humorado e com “fama de sujeito mau e intratável” (idem, p. 57), surge, inicialmente, como um anti-herói, um ser odiado e discriminado pelos vizinhos do parque (pombos, galos, patos, papagaios, entre outros), parecendo pouco consciente desse seu “estatuto”: “O Gato Malhado refletiu. E compreendeu então que fugiam dele, há tanto tempo que não o ouviam miar nem sorrir que agora se amedrontavam” (idem, p. 24).

A pouco e pouco, porém, o leitor vai assistindo à transformação do felino e ao seu enamoramento pela Andorinha Sinhá, formosa criatura admirada pela sua coragem e ousadia e cuja caracterização, marcada por um conjunto de traços valorativos, contrasta, de modo intencional, com a que é efetuada do Gato.¹¹ A pouco e pouco também, o Gato¹² e a Andorinha, na interação possível com os Outros, vão tomando consciência da sua própria imagem perante aqueles e, conseqüentemente, da sua identidade individual.

A relação afetiva e “inesperada” do Gato e da Andorinha (feli-no/ave, mamífero/ovíparo, terrestre/aéreo) surge envolta no ar tropical e primaveril que desperta nas personagens o desejo amoroso. De fato, é unicamente nesta união em potência e na atitude desafiadora dos seus protagonistas que o diálogo intercultural surge anunciado, porque a verdade é que a organização social rígida, fechada ou quase maniqueísta que se observa no parque nega qualquer aproximação entre “seres diferentes” – “Tem uma lei, uma velha lei, pombo com pomba, pato com pata, pássaro com pássaro, cão com cadela e gato com gata. Onde já se viu uma andorinha noivando com um gato?” (idem, p. 53) –, condenando os dois amantes e fazendo com que o Gato (o Outro) se refugie no mais recôndito dos lugares, após o casamento da Andorinha com o Rouxinol (o Mesmo).

Mas, em certos momentos cruciais da narração, é possível antever algumas relações algo próximas entre os protagonistas e outras personagens, indiciando uma espécie de “esfacelamento” das diferenças culturais/sociais. Pensemos, por exemplo, nos diálogos entre a Andorinha Sinhá e a Vaca Mocha (idem, p. 37) ou do Gato Malhado com a Coruja (idem, p. 65). Em ambas as situações, a ênfase é colocada na solidez da ordem instituída: “Que os gatos são inimigos irreconciliáveis das andorinhas, que muitas e muitas parentas tuas pereceram entre as garras de gatos como aquele?” (idem, p. 38); “Desde que o mundo é mundo, às andorinhas é proibido casar com gatos” (idem, p. 65).

O desfecho da história silencia qualquer possibilidade de diálogo: destaca-se a auto-aniquilação do Gato – que se deixa devorar pelo Outro, também expulso e à margem: a Cobra Cascavel –, a par não apenas da prevalência do social diante do individual e da reposição da ordem inicial (a obediência cega à “velha lei” ou a distância entre os “maus” e os “bons” e a união dos seres segundo o critério da coincidência da espécie), mas também da indiferença do tempo, que parece avançar ciclicamente sem contemplações.

¹¹ A marca física que se transforma, afinal, em nome próprio – “Malhado” – e, portanto, identificador desta personagem, acaba por contribuir, pela sua conotação pejorativa, para a diferenciação deste habitante do parque dos restantes.

¹² No caso concreto dessa personagem-figura, no espaço físico e social da narrativa, coincidente com o Outro, a expressão da sua diversidade impõe-se como uma ameaça ao equilíbrio inabalável aí vigente.

Além disso, este texto, colocando em evidência o romance de final deceptivo de dois seres de *habitats* antagônicos, naturalmente diferentes e, até mesmo, inimigos, distingue-se, ainda, pela veiculação de certos valores universais e intemporais – como a igualdade e a tolerância,¹³ por exemplo –, pela valorização de temáticas atuais tão recorrentes na escrita de Jorge Amado, como a marginalidade e o racismo; e também pelo fato de quase obrigar o leitor a lidar com a amargura e com a frustração, por nada poder fazer para alterar o destino irremediavelmente infeliz do Gato e da Andorinha, incentivando à reflexão acerca do Eu em face do Outro.

Aliás, toda a narrativa parece ser, em última instância, a recriação ficcional de um universo labiríntico de afetos experimentados num período temporal condensado ou reduzido (um ano), ou seja, desde uma Primavera, feita de “cores, aromas e de melodias” (idem, p. 21), até um Inverno, um “tempo de sofrimento” (idem, p. 71), centrando-se no desejo de união alimentado pela ave e pelo gato e na sua destruição pela conveniência e convivência social, a par da impermeabilidade do *status quo*, que não oferece qualquer espaço para um diálogo.

A epígrafe de Estevão da Escuna, poeta popular da Bahia, introduz a narrativa no plano das possibilidades, do diálogo utópico; no entanto, o desenrolar dos fios da narrativa destece esse saber, desalojando os pares da concretização de um final feliz, colocando a relação amorosa no plano do irrealizável:

O mundo só vai prestar
para nele se viver
No dia em que a gente ver
Um gato maltês casar
Com uma alegre andorinha
Saindo os dois a voar
O noivo e sua noiva
Dom Gato e dona Andorinha.

É nesta medida que julgamos que este texto, quer pelo seu valor literário, quer pelo seu potencial formativo, contém uma mensagem intemporal, ajudando o leitor a situar-se no mundo e incutindo-lhe a “percepção de alguns valores sócio-culturais [...]” que incluem “a ética e a moralidade contemporânea [...] e certas aspirações acerca do presente e do futuro” (STEPHENS, 1992, p. 2-3).

No fundamental, a história do Gato Malhado e da Andorinha Sinhá representa muito mais do que um romance efêmero entre dois seres animizados. Não é, de fato, difícil reconhecermos, neste texto aparentemente para crianças, um fundo reflexivo muito adulto, se pensarmos que este livro pode testemunhar as vivências humanas, em geral, numa clara relação com o mundo empírico e histórico-factual; as histórias feitas de percalços, de desafios, de “Primaveras” e de “Invernos”, de amores e de crueldades, de momentos felizes e infelizes, de encontros e de desencontros e, muito particularmente, de diálogos adormecidos ou silenciados de modo forçado.

O resultado do cruzamento de dois olhares

Para Jorge Amado, o encontro entre seres tão díspares é rechaçado, o que fica representado na promessa utópica do narrador popular na introdução do livro e no desfecho do escrito; daquilo que foi profetizado ao não-realizável, ao não-dizível. Como já destacado, as vozes são silenciadas pelos gestos sociais: pela volubilidade da Andorinha Sinhá, que acata submissa o destino, e pelo Gato Malhado, que escorrega para a fronteira dos que vivem à margem, expulsos e excluídos.

No caso de Luís Sepúlveda, o encontro casual entre seres tão díspares revela-se a oportunidade para um melhor conhecimento de si e dos outros e para o exercício de uma história de amor e de profundo respeito pelo Outro: contra as convenções sociais ou ideológicas e profundamente crente na possibilidade de cumprimento de um sonho, Zorbas, auxiliado pelos amigos e, no final, pelo Poeta, permi-

¹³ Ramón F. Llorens García, em *Literatura infantil y valores*, sugere três classificações distintas: a) multiculturalismo/interculturalidade e tolerância; b) educação ambiental, respeito pelo meio ambiente, amor pela natureza; e c) compaixão, amizade e solidariedade.

te que Ditosa conquiste a sua autonomia e emancipação total, ainda que tal conquista venha a ser para ele motivo de sofrimento, pela perda do ser amado que essa emancipação intrinsecamente acarreta.

Recebido em novembro de 2006 e aceito em janeiro de 2007.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. Livros infantis. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 1935.

———. *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor*. 18. ed. ilustrações de Carybé. Rio de Janeiro: Record, 1986.

———. *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor*. 4. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1993.

———. *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor*. 40. ed. Il. Carybé. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

AZEVEDO, F. *A teoria da cooperação interpretativa de Umberto Eco: entre a ordem e a aventura*. Porto: Porto Editora, 1995.

CESARINY, M. *Primavera autônoma das estradas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1980.

DEBUS, Eliane. Entre a visagem e a vertigem: a desconstrução da imagem indígena no discurso literário para crianças e jovens. *Anuário de Literatura*, 3, Florianópolis: UFSC, p. 73-82, 1995.

ECO, Umberto. *Lector in fabula. La cooperazione interpretativa nei testi narrativi*. Milão: Bompiani, 1979.

LLORENS, García R. F. Literatura infantil y valores. Disponível em: <<http://www.unex.es/interzona/Interzona/Revista/puertas/pal9/INFANTIL.doc>>. Acesso em: 31 mar. 2003.

GOMES, José. Literatura para crianças: um mundo sem fronteiras. Os livros para crianças na sociedade multicultural. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Associação de Universidades de Língua Portuguesa, Lisboa, n. 17, p. 38-46, jul. 1997.

PIRES, M. Literatura infantil e educação multicultural. *Inovação*, n. 9, p. 99-105, 1996.

REIS, C.; LOPES, A. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1996.

SANDRONI, Laura. *Ao longo do caminho*. São Paulo: Moderna, 2003.

SCHMIDT, S. La comunicación literaria. In: MAYORAL, J. Antonio. *Pragmática de la comunicación literaria*. Madri: Arco/Libros, 1987, p. 195-212.

SEPÚLVEDA, Luis. *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*. 11. ed. Porto: Edições Asa, 2002.

SOUTA, L. *Multiculturalidade e educação*. Porto: Profidições, 1997.

STEPHENS, J. *Language and ideology in children's fiction*. Londres/Nova York: Longman, 1992.

